

# O sujeito metafísico na arte<sup>1</sup>

## The metaphysical subject in art

FRANCIELE KRINDGES VIEIRA<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, discutiremos a visão de Arthur Schopenhauer sobre o sujeito metafísico na arte, conhecido como “gênio”. O gênio é o artista que possui um conhecimento superior sobre a vontade e é capaz de contemplar a vida por si mesma, concebendo as ideias de cada coisa. Esse sujeito é isento de vontade e livre do princípio de razão, dedicando-se à contemplação profunda do objeto. Schopenhauer explora a relação entre a vontade e a representação, em que a vontade constitui o mundo e a representação é a objetividade da vontade tornada objeto. A representação pode ocorrer de forma direta, sem o uso de formas particulares de conhecimento, ou de forma indireta, utilizando o princípio de razão para conhecer. As ideias, como modelos manifestados em existências particulares, são estranhas ao conhecimento individual. A fim de que as ideias se tornem objetos de conhecimento, é necessário suprimir a individualidade no sujeito que conhece, resultando no sujeito metafísico. Schopenhauer relaciona a coisa em si de Kant com a vontade não objetivada.

**Palavras-chave:** Gênio. Vontade. Representação. Arte. Sujeito.

**Abstract:** In this article, we will discuss Arthur Schopenhauer's view on the metaphysical subject in art, known as the “genius”. The genius is the artist who possesses superior knowledge about the will and is capable of contemplating life in-itself, conceiving of the ideas of every object. This subject is free from will and liberated from the principle of reason, dedicating themselves to the profound contemplation of the object. Schopenhauer explores the relationship between will and representation, where the will constitutes the world and representation is the objectivity of the will made into an object. Representation can occur directly, without the use of particular forms of knowledge, or indirectly, utilizing the principle of reason to understand. Ideas, as models manifested in individual existences, are foreign to individual knowledge. In order for ideas to become objects of knowledge, it is necessary to suppress individuality in the knowing subject, resulting in the metaphysical subject. Schopenhauer relates Kant's noumenon to the unobjectified will.

**Keywords:** Genius. Will. Representation. Art. Subject.

\*\*\*

Na obra “*O mundo como vontade e representação*”, Arthur Schopenhauer apresenta o sujeito metafísico, o qual, se mostra, se manifesta, através da arte. Chamado por ele de gênio, o artista possui uma preponderância marcada do conhecimento sobre a vontade,

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no Mini-curso PET, durante o IX Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da Unioeste – 2004

<sup>2</sup> Ex-aluna bolsista do Programa PET de Filosofia da UNIOESTE -Campus Toledo e Mestre em Filosofia pela UFPR. E-mail: franciele41@ig.com.br

*“...no homem de gênio, a faculdade de conhecer, graças à sua hipertrofia, subtrai-se por algum tempo ao serviço da vontade; por conseguinte, ele pára para contemplar a vida por ela mesma, ele esforça-se por conceber a idéia de cada coisa, não as suas relações com as outras coisas...”. (O mundo...;§ 36).*

O gênio, o sujeito metafísico, se dá a partir do momento que o indivíduo, pela força da inteligência, renuncia ao modo vulgar de considerar as coisas, passando assim do conhecimento comum das coisas particulares ao conhecimento das idéias. Contudo é uma passagem que se dá bruscamente, onde o indivíduo deixa a sua particularidade, sua vontade e seu conhecimento, para ser um sujeito isento de vontade. Este sujeito, que não pode mais ser pensado no âmbito particular, está livre do princípio de razão, é um puro sujeito que conhece,

*“...já não está obrigado a procurar as relações em conformidade com o princípio de razão; absorvido daqui em diante na contemplação profunda do objeto que se lhe oferece, livre de qualquer outra dependência, é aí que daqui em diante ele repousa e se desenvolve.” (O mundo...;§ 34).*

Primeiramente, façamos uma reflexão sobre algumas considerações essenciais do pensamento de Schopenhauer, a saber, a vontade, manifesta-se unicamente como aquilo que constitui o mundo, abstraído da representação, e, por conseguinte, a representação é vontade tornada objeto, ou ainda, é objetividade da vontade, é o nome que corresponde tanto ao seu conjunto como às suas partes. A objetividade da vontade<sup>3</sup>,

*“é susceptível de numerosos, mas bem definidos graus, que são a medida da nitidez e da perfeição crescentes com que a essência da vontade se traduz na representação, por outras palavras, se apresenta como objeto.”(O mundo...; §30).*

Esta objetividade pode-se dar de forma indireta e direta. É Indireta quando, um indivíduo faz uso do princípio de razão para conhecer, princípio este de toda limitação e individuação; forma geral da representação tal como ela cai sob a consciência do indivíduo. E, é direta, quando representa a idéia, sem o uso de forma

---

<sup>3</sup> Termo utilizado por Schopenhauer para definir o corpo e as coisas naturais, que seriam “a objetividade da vontade” no sentido de ser “a vontade objetivada”, que se tornou representação; perceptível.

particular do conhecimento, a não ser a forma geral da representação, a saber, ser um objeto para um sujeito.

As idéias são como modelos, que se manifestam em uma infinidade de indivíduos, de existências particulares. As idéias não se submetem ao princípio de razão, pois são estranhas a pluralidade e a mudança, permanecendo inalteráveis e idênticas. As idéias, são completamente estranhas à esfera do conhecimento do sujeito considerado como indivíduo. Contudo, existe uma condição necessária para que as idéias se tornem objeto de conhecimento, a qual seria, a supressão da individualidade no sujeito que conhece. É neste momento que o sujeito metafísico aparece e toma forma.

Em alguns momentos de sua obra, Schopenhauer aproxima a coisa em si de Kant a vontade, enquanto não objetivada, nem tornada representação. Por conseguinte, a idéia, seria a objetividade mais adequada da vontade, contudo,

*a idéia e a coisa em si não são, completamente idênticas; digamos mais: a idéia é para nós apenas a objetividade imediata; por conseguinte, adequada, da coisa em si, a qual, por sua vez corresponde à vontade, mas a vontade enquanto não é de modo nenhum ainda objetivada, nem tornada representação (O mundo...;§ 32).*

Os indivíduos particulares não constituem uma objetividade adequada da vontade, pois estão primeiramente submetidos ao princípio de razão e suas formas (espaço, tempo, causalidade), para ter acesso ao conhecimento.

Por conseguinte, no parágrafo 32 de “*O mundo como vontade e representação*”, Schopenhauer apresenta uma “*hipótese impossível*”, como ele próprio chama, a qual seria, que, para perceber as idéias e os graus de objetivação dessa vontade única que corresponde à verdadeira coisa em si, seria necessário que a intuição dos indivíduos já não se operasse por intermédio de um corpo; seria necessário, que os indivíduos já não conhecessem mais por intermédio do princípio de razão, mas, pelo contrário, que suas intuições operassem alheias ao corpo e todas as afecções; seria necessário que todo o querer concreto do corpo, fosse deixado de lado. Este é o sujeito metafísico, liberto do princípio de razão e de todo o querer concreto do corpo,

*“... para que,(...) nós percebêssemos apenas as idéias e os graus de objetivação dessa vontade única (...) seria preciso que nós já não*

*uníssemos a qualidade de sujeitos que conhecem à de indivíduos, isto é, que a nossa intuição já não se operasse por intermédio de um corpo...” (O mundo...;§ 32).*

O corpo é um querer concreto que necessita se submeter ao princípio de razão para chegar ao conhecimento. È o corpo que sugere as nossas intuições através de suas afecções:

*ele próprio é apenas um querer concreto, a objetividade da vontade, isto é, um objeto entre objetos; ora na qualidade de objeto, e na medida em que o é, ele não pode chegar ao conhecimento, a menos que se submeta às formas do princípio de razão: quer dizer que ele já implica, e por esse fato, introduz o tempo e todas as outras formas que este princípio resume (§ 32).*

Segundo Schopenhauer, enquanto indivíduos, estamos submetidos ao princípio de razão, o qual, exclui o conhecimento das idéias. Contudo, somos capazes de nos elevarmos do conhecimento comum das coisas particulares ao conhecimento das idéias.

O conhecimento, em geral, faz parte da objetivação da vontade, contudo, está a serviço dela, assim como a representação que dela resulta. Em Schopenhauer, originalmente, e segundo a sua essência, o conhecimento está inteiramente a serviço da vontade, “... *todo o conhecimento submetido ao princípio de razão permanece numa relação próxima ou longínqua com a vontade...*” (O mundo...;§ 33).

O conhecimento que se chega com o princípio de razão (tempo, espaço, causalidade) é o das relações dos objetos. Este conhecimento, destinado a servir a vontade, só conhece dos objetos as suas relações:

*“... ele conhece os objetos na medida em que eles existem em tal instante, em tal lugar, entre tais outros objetos, em virtude de tais causas, com tais propriedades; ele só os conhece, a título de coisas particulares, e se se suprimissem as relações, os objetos escapar-lhe-iam também precisamente porque ele conhece deles apenas as relações.” (O mundo...;§ 33).*

A abolição do conhecimento a serviço da vontade seria um caso excepcional, seria o sujeito metafísico se mostrando.

Pela força da inteligência é possível renunciar ao modo vulgar de considerar as coisas; deixar de lado a luz que as diferentes expressões do princípio de razão pode

oferecer; não considerar nem o lugar, nem o tempo, nem o porquê, nem o para quê das coisas, mas única e simplesmente a sua natureza.

Esta idéia pode parecer estranha, pois estamos falando de um modo de conhecimento diferenciado, onde o indivíduo, no âmbito particular é aniquilado dando espaço há um puro sujeito que conhece. Este sujeito não parte do princípio de razão para conhecer, como os indivíduos que estão no âmbito particular fazem. Este sujeito, deixa de lado a vontade, a dor e o tempo, e passa a ser um puro sujeito que conhece, quando, elevando-se pela força da inteligência, renunciar a considerar as coisas de forma vulgar.

O sujeito puro que conhece, o sujeito metafísico, deixa de lado o princípio de razão e toda a luz das diferentes expressões que pode trazer consigo. Este sujeito não permite que a consciência seja ocupada por pensamentos abstratos, mas, pelo contrário, ocupa sua mente, dirige toda sua atenção, para a intuição. Neste sujeito, a consciência é capaz de se encher inteiramente com a contemplação tranquila dum objeto natural atualmente presente, como por exemplo, uma árvore ou um edifício, *“... desde o momento em que nos perdemos neste objeto, (...) nos esquecemos da nossa individualidade, da nossa vontade e só subsistimos como puro sujeito...”* (O mundo...;§ 34).

127

O puro sujeito que conhece é como um claro espelho do objeto, durante a contemplação, tudo se passa como se só o objeto existisse. No puro sujeito que conhece, não há vontade, não há individualidade, é impossível distinguir o sujeito da própria intuição, ambos se confundem num único ser, única consciência, inteiramente ocupada por uma visão única e intuitiva,

*“... quando, enfim, o objeto se liberta de toda a relação com o que não é ele, e o sujeito, de toda a relação com a vontade, então, aquilo que é conhecido deste modo, já não é a coisa particular enquanto particular, é a idéia, a forma eterna, a objetividade imediata da vontade.”* (o mundo...;§ 34).

Por conseguinte, aquele que é arrebatado por esta forma de contemplação já não é um indivíduo – visto que o indivíduo se aniquilou nesta mesma contemplação – mas sim, é o sujeito que conhece puro, pois está liberto da vontade. Neste modo

de conhecimento, é a forma de contemplação que torna o indivíduo um sujeito metafísico. Nesta contemplação, a coisa particular, torna-se a idéia da sua espécie.

As manifestações particulares da vontade estão submetidas ao princípio de razão. Para os indivíduos que estão a serviço da vontade, só um único conhecimento tem valor, é aquele que tem por objeto apenas relações. Ora,

*o indivíduo considerado como indivíduo conhece apenas as coisas particulares; o puro sujeito que conhece, conhece apenas as idéias, visto que o indivíduo constitui o sujeito que conhece na sua relação com uma manifestação definida, particular da vontade, e permanece ao serviço desta última (O mundo...;§ 34).*

Quando o indivíduo que conhece, se transforma em sujeito que conhece, e transforma por este fato o objeto considerado como representação, ambos aparecem puros e inteiros, é então, que se produz a perfeita objetivação da vontade, visto que a idéia é apenas a sua objetividade adequada.

A idéia resume em si, e na mesma qualidade, o objeto e o sujeito, mas, mantém entre eles um perfeito equilíbrio,

*“... por um lado, com efeito, o objeto é apenas a representação do sujeito; por outro lado, o sujeito que se esgota no objeto da intuição tornase esse mesmo objeto, atendendo a que a consciência é, daqui para a frente, a mais clara imagem dele.” (§34).*

As coisas particulares em qualquer tempo e espaço, são apenas, idéias submetidas ao princípio de razão, “... as idéias encontram-se, por este fato, desfalcadas da sua pura objetividade.” (O mundo...;§ 34). Quando aparece a idéia, o sujeito e o objeto são inseparáveis, é enchendo-se e penetrando-se com uma igual perfeição um ao outro, que eles fazem nascer à idéia, a objetividade adequada da vontade, o mundo considerado como representação.

No conhecimento particular, do mesmo modo,

*“... o indivíduo que conhece e o indivíduo conhecido permanecem inseparáveis, enquanto coisa em si, visto que se fizermos abstração completa do mundo considerado verdadeiramente como representação, não nos resta mais nada a não ser o mundo considerado como vontade.” (O mundo...;§ 34).*

A vontade constitui a idéia, a qual, é a objetividade perfeita da vontade; a vontade constitui do mesmo modo a coisa particular e o indivíduo que conhece, os quais são apenas a objetividade imperfeita da vontade.

A vontade considerada independente da representação e todas as suas formas, é uma vontade única e idêntica, no objeto contemplado e no indivíduo, que a partir deste modo diferente de contemplação e de acesso ao conhecimento, toma consciência de si mesmo como “puro sujeito”. Ambos, tanto o objeto como o indivíduo, se confundem, pois, eles são apenas a vontade que se conhece a si mesma. Para o autor de “*O mundo como vontade e representação*”, a pluralidade e à diferença só existem a título de modalidades do conhecimento, ou seja, há diferença só no fenômeno, em virtude de sua forma, o princípio de razão.

*Esta vontade é em si, isto é, fora da representação, uma só e idêntica com a minha: é apenas no mundo considerado como representação, submetido, em todo o caso: a sua forma mais geral que é a distinção do sujeito e do objeto, é apenas no mundo assim considerado que se opera a distinção entre o indivíduo conhecido e o indivíduo que conhece” (O mundo...;§ 34).*

129

Sem objeto nem representação, o sujeito não conheceria, seria uma simples vontade cega. Do mesmo modo, sem sujeito que conhece a coisa conhecida não pode ser objeto e permanece simples vontade, esforço cego; se o conhecimento fosse suprimido, o mundo considerado como representação seria suprimido a simples vontade, esforço cego.

Contudo, se a vontade se objetiva, e esta objetividade se torna, pura, perfeita e adequada objetividade da vontade, ela, a vontade, coloca o objeto como idéia, liberta das formas do princípio de razão, e o sujeito como puro sujeito que conhece; como sujeito metafísico, liberto da individualidade e da sua servidão face a vontade.

O puro sujeito que conhece, o sujeito metafísico, esta completamente mergulhado na contemplação. Nesta condição, sentiremos segundo o autor,

*“... que somos, nesta qualidade, a condição, por assim dizer, o suporte do mundo e de toda existência objetiva, visto que a existência objetiva só se apresenta a partir de agora, a título de correlativo da nossa própria existência. Puxamos assim toda a natureza para nós, tão bem que ela já só nos parece ser um acidente da nossa substância.” (O mundo...;§ 34).*

As idéias subsistem fora do mundo e independentes de toda relação; às ideais, são a essência do mundo e o verdadeiro substrato dos fenômenos; às idéias estão libertas de toda mudança, e são conhecidas como iguais para todos os tempos. A objetividade imediata e adequada da vontade são as idéias. Schopenhauer se pergunta:

Mas não existirá um conhecimento especial que se aplica àquilo que no mundo subsiste fora e independente de toda a relação àquilo que constitui, para falar com rigor, a essência do mundo e o verdadeiro substrato dos fenômenos, àquilo que está liberto de toda a mudança e, por conseguinte, é conhecido como uma verdade igual para todos os tempos, numa palavra às idéias, as quais constituem a objetividade imediata e adequada da coisa em si, da vontade? (O mundo...;§ 36).

Sim, existe, é a arte, um modo de conhecimento que reproduz as idéias eternas, que o indivíduo, o sujeito metafísico, concebeu por meio da contemplação pura, essencial e permanente de todos os fenômenos.

A arte tem como origem única o conhecimento das idéias, e como fim único a comunicação desse conhecimento. Na arte, o objeto particular torna-se o representante do todo. É por meio da arte que o sujeito metafísico se constitui, se revela.

Na arte o objeto particular torna-se o representante do todo, as relações particulares da corrente dos fenômenos desaparecem, “... o objeto é apenas o essencial, é apenas a idéia.” (O mundo...;§ 36).

O conhecimento que se tem através da arte é diferente do conhecimento racional, o qual, está submetido ao princípio de razão, enquanto que a arte, é independente deste princípio,

*“O conhecimento submetido ao princípio de razão constitui o conhecimento racional; só tem valor e utilidade na vida prática e na ciência: a contemplação que se abstrai do princípio de razão, é própria do gênio; ela só tem valor e utilidade na arte” (O mundo...;§ 36).*

É apenas através da contemplação pura e completamente absorvida no objeto que se concebem as idéias; que se concebe a arte, e o sujeito metafísico.

O conhecimento que originariamente estava submetido à vontade liberta-se dela; o sujeito perde de vista seus interesses, a sua vontade, os seus fins; o sujeito metafísico sai inteiramente da sua personalidade,

“... ser apenas o puro sujeito que conhece, olhar límpido do universo inteiro, e isso não durante um instante, mas durante tanto tempo e tanta reflexão como a que é necessária para realizar a nossa concepção com a ajuda duma arte determinada;... (O mundo...;§ 36).

## Referências

BARBOZA, Jair. *A metafísica do belo de Arthur Schopenhauer*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Porto/Portugal: Rés Editora, s/d.

\_\_\_\_\_. *La doctrina da la representación intuitiva: completntos al primer libro*. Tradução de Eduardo Ovejero y Maury. Buenos Aires: El Ateneo, 1950.

\_\_\_\_\_. *Da morte, Metafísica do amor, Do sofrimento do mundo*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Vontade de Amar*. Tradução de Aurélio de Oliveira. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

\_\_\_\_\_. *Metafísica do Belo*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2003.